

Em geral, — seja dito aqui muito em segredo, — só tem senso comum, só é pessoa de juízo, quem é do nosso perecer.

S. Ferreira

ANO V — N.º 132
SETEMBRO

8
1957

A Voz da Vila

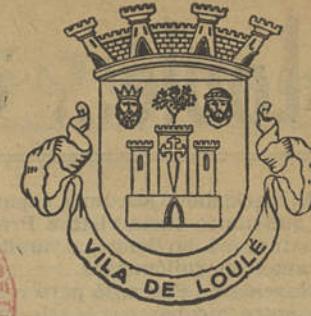
SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216



Polícia Rural

O direito de propriedade foi e é uma das características dos regimes capitalistas em oposição ao comunismo integral. A ordem social assenta sobre esse direito, o qual, para se tornar efectivo tem de ser respeitado.

Ora sucede que, em determinadas zonas do concelho de Loulé está-se a perder a noção do respeito pela propriedade alheia, já invadindo-a durante o dia e a noite com rebanhos de gado, já assaltando essa mesma propriedade com propósitos de roubo. Vamos hoje ocuparnos de Salir, a maior freguesia do concelho e aquela talvez que mais se presta às nossas considerações.

Em cada lugar da freguesia há, por via de regra, uma ou duas tabernas cujo negócio varia de amplitude segundo os circunstâncias, e compreende desde a tavola-gem pura e simples até ao negócio de compra de frutos secos. Estas tabernas são frequentadas durante o dia por matulões que ali se entretêm a jogar as cartas, umas vezes para cigarros, outras para dinheiro; à noite predomina esta última modalidade. Com a falta de mão de obra que se vem notando nos campos parece, à primeira vista, estranho que homens válidos se entrem a jogar as cartas durante o dia enquanto que outros vagabundiam pelos campos disfarçados em cãadores, munidos de varapau, furão e cães, quer haja defeso ou não. Se a pes-

soa que depara com eles precisar dum trabalhador e se lhes falar nesse sentido, ouve como resposta mais ou menos isto: a minha jornal são cinquenta escudos, por menos não trabalho. E de facto não trabalham, e não trabalhariam mesmo que lhes oferecessem o dobro. E que em chegando a noite toda aquela malta, sobretudo na presente época, se arma de saco ao ombro e lança-se no roubo de frutos secos, amendoa e alfarroba, devastando propriedades inteiras, numa desfaçatez que causa arrepios, chegando mesmo a fazer frente aos respectivos donos correndo-os à pedrada ou por outros meios de agressão. Para isso operam geralmente, em grupos de dois e de três.

Estes malfeitos qualificados têm os seus cúmplices, indivíduos estes a que me abstenho de qualificar, pois esses cúmplices são todos aqueles que compram tais roubos, são determinados baleiros que se intitulam

(Continuação na 4.ª página)

A posse do novo Presidente da Câmara

Revestiu-se de extraordinária concorrência o acto de posse do nosso velho e prezado amigo sr. José João Ascensão Pablos, o cargo de presidente do município que lhe foi conferido no salão nobre do Governo Civil pelo ilustre Chefe do Distrito, no passado dia 3 do corrente.

Com aquela vasta literatura cheia por uma assistência selecta, constituída por altas figuras da política, de administração, do funcionalismo e de inúmeros amigos do empossado quer de Faro quer desta vila, de onde se deslocaram, e, algumas senhoras, foi lido o auto de posse, pelo Dr. Arnaldo Fagundes Peres, em substituição do sr. Secretário Geral do Governo Civil, após o que usou da palavra o sr. Dr. Baptista Coelho.

O Chefe do Distrito começou por agradecer a colaboração do presidente e vice-presidente cessantes, Dr. Maurício Monteiro e o nesse

momento empossado, salientando a dedicação deste último que ia confirmar-se pelo exercício da presidência efectiva. Aludi à recente criação da escola técnica, como execução do programa em que fora prevista e virtualmente fundada em 1945 e ao próximo início dos trabalhos de electrificação do concelho, factos que denotavam que Loulé prosseguia na senda do seu progresso.

Referiu-se à proxima campanha eleitoral, confiando em que, sob a orientação do seu presidente, o concelho continuaria a ser verdadeiro reduto nacionalista.

Finalmente exprimiu a sua confiança nas qualida-

(Continuação na 4.ª página)

TEMAS SOCIAIS

Liberalismo e socialismo económicos

Quem meditar sobre as diferenças entre o liberalismo e o socialismo, sob o ponto de vista económico, pode chegar a conclusões deveras interessantes.

O liberalismo político criado pela Revolução Francesa de 1789, trouxe modificações importantíssimas de carácter social porque, impulsando a livre iniciativa na criação da riqueza pelo trabalho e assegurando a sua expansão e desenvolvimento, deu origem à propriedade privada dos obreiros, dos industriais, dos comerciantes e o consequente apego à mesma riqueza que ia sendo criada, mercê do esforço individual, familiar ou colectivo.

Elevou o patriotismo dos povos às mais sublimes exaltações porque a Pátria-Mãe era o conjunto e o somatório de todas as economias privadas, ajustadas à terra, à oficina, à fábrica ou à família. E a par desse apego material ao que cada qual ia criando e desenvolvendo, surgiu o apego espiritual

do encantamento na contemplação de toda a riqueza que o povo criava e materializava em objectos da sua devoção e apego.

No casario dos aglomerados populacionais, nas curvas das cumeadas dos montes e serranias, no murmúrio das águas correntes, no bater das Avé-Marias dos campanários, na evolução espiralada do fumo à tardinha das chaminés dos lares tranquilos e felizes se embacia a vista e se levava a alma, após dias de labor intenso e contentamento venturoso.

Dizer-se a qualquer que havia de perder esse objecto ou esse motivo dos seus encantos, fosse propriedade sua ou alheia, que tanto faria, pois seria pertença de outro ser igual a si, de um concidadão, de um amigo, representaria o mesmo que tirar-lhe a vida, a família, a alegria de viver, tudo enfim que constitui a razão de ser e de existir.

Até à primeira grande guerra mundial, afi por 1914, as coisas passavam-se mais ou menos assim. O ideal dos povos era a pátria, a liberdade, o sossego do lar,

(Continuação na 3.ª página)

Cortejo de Oferendas a favor do Hospital de Loulé

natureza clínica, quer cirúrgica.

São ainda as parturientes quer sejam ricas ou pobres que ali vão ter os seus partos sabendo, de antemão, que contam com assistência proficiente quer clínica, quer terapêuticamente, quer no pessoal de enfermagem.

Além destas magníficas instalações temos a sorte de ter à testa do Hospital como seu Director Clínico, um bom técnico e dos maiores peritos operadores, utilizando os mais aperfeiçoados processos da moderna cirurgia, usando de ritual e calma impressionante, que dão aos doentes a maior serenidade, confiados na prodigiosa delicadeza das mãos e na já acentuada habilidade de corte.

Mas há ainda por fazer uma grande obra para que o Hospital de Loulé, se possa considerar totalmente perfeito. É a modernização da

(Continuação na 2.ª página)

Dos meus apontamentos...

Maria de Lourdes Resende

— essa minha «colega»...

Não estranhe o leitor eu chamar colega à «diva N.º 1 da nossa rádio». E que nós somos «colegas de repartição». Um e outro temos os nomes registados no mesmo «livro de ponto».

Normalmente, nas repartições de registo civil, os registos de nascimento são os «livros de ponto», a que não podemos faltar — para além da tolerância concedida — assinalando a nossa entrada... Vida, à hora exata.

As nossas «mãos» os padrinhos, que assinam, por nós, a presença no mundo, à hora exata da entrada, escondendo o analfabetismo com que somos admitidos nessa repartição.

Ambos nascemos no Barreiro, e o bairrismo é o nosso mais íntimo parentesco. Somos barreirenses de antes quebrar que torcer no nosso acrisolado amor por essa «pequena pátria» de 30.000 habitantes, miniatura das pátrias, à imagem de Andorra ou do Mónaco.

Maria de Lourdes Resende, que conheci, accidentalmente, à mesa do Café, entre dois cafés, é uma simpatia de rapariga. Não é bonita, como a Willian, a Lollobrigida, a Rita, nos seus recortes de espadas de gala, mas é adorável, sobretudo aos olhos deste seu «colega» de repartição.

A Resende sabe cantar e sabe dizer. Se no canto é uma «diva» no fraseado é um Vilaret.

Nada mais prático para cami-

nhar na alma dum vida que conversar. Pois eu caminhei quilómetros na alma dessa artista, que conhecera muito bem de ouvi-la, sem a ver, nas «mascaradas» dos programas radiofónicos de mil e uma sessões.

Nessa tarde, o «lupi» dissipou-se... Ficou a mulher exata. Fui o seu microfone, e as «canções» da sua voz estiveram só para mim. Para mais ninguém, como um programa privado. No «além» das mesas, os «rádios»

(Continuação na 2.ª página)

AINDA OS BARULOS NAS RUAS

«Após tanto tempo decorrido sobre o encerramento dos trabalhos para colocação dos cabos telefónicos sob o pavimento das ruas, é absolutamente inadmissível que a maior parte delas ainda apresente os sinais inconfundíveis das «torturas» que os senhores aos C. T. T. lhes infligiram».

Isto diz-nos há dias um amigo e nós concordamos inteiramente e até acrescentamos: inadmissível — e incompreensível. De facto, não podemos compreender como se possa consentir que, por exemplo, ali mesmo no Largo Gago Coutinho, no princípio da Avenida José da Costa Mealla, ou seja no coração da vila, se mantenha há tanto tempo sem qualquer arranjo uma vala que incomoda e é perigosa para o trânsito dos veículos que ali passam constantemente; que é anti-higiénica pela poeira que de lá se desprende a todo o momento; que é inestética porque é uma «mazel» indecente a desfilar o Largo e a Avenida... e que acima de tudo é absurdamente, quanto a nós, o arranjo dessa vala não vale um caracol, comparado aos aborrecimentos e prejuízos que causa...

Outros exemplos do mesmo teor podemos citar mas hoje ficamos por aqui, esperando (e connosco certamente todos os que prezam o bom aspecto da nossa terra), que não seja preciso mais para chamar a atenção de quem tem o dever de olhar por estas coisas.

Afinal tirei ensejo de verificar que ainda é pior do que me haviam dito.

Aquele mal-alinhavado «depósito» que às vezes aparece citado pelos respectivos serviços com o pomposo nome de Armasém, mas não é que um reduzidíssimo cubículo onde as encomendas são amontoadas de qualquer maneira. Amontoadas... e atiradas...

É certo que este serviço está a cargo de um rapazola sem qualquer noção da grande responsabilidade que representa o manuseio de tantas encomendas, na sua maior parte valiosas e quantas vezes frágeis, e a pouca idade desse encarregado explica talvez em parte tamanho desmazela.

Explica... mas não justifica... Como também explica talvez as «buscas» que permite a muitos clientes, que lá vão com o pretexto de procurar a «sua» encomenda e aproveitam impunemente a oportunidade para vassourar nas encomendas «dos outros» os remetentes, a procederem

(Continuação na 4.ª página)



PRAIA DE QUARTEIRA

as noites, sem «estrelas» nem agrupamentos artísticos em regra onerosos à organização e aos frequentadores e, tão sômente com o aproveitamento do entusiasmo da irrequieta juventude veraneante que, de alma e coração, tem colaborado nos vários concursos organizados. Assim, a valsa, tango e «rock and roll» a prémio, redundaram em êxito absoluto, pelo ardoroso entusiasmo posto pelos concorrentes em despiegue, despertando na assistência um interesse como poucas vezes se terá verificado.

Assim, resultou brilhante a festa da Orquestra realizada na passada Sexta-feira, (Continuação na 2.ª página)

Inauguração do monumento a Bernardo de Passos

CONVITE

Realizando-se em S. Brás de Alportel, no próximo dia 15 do corrente, pelas 10 horas, sob a presidência do Excelentíssimo Governador Civil do Distrito, Senhor Dr. António Baptista da Silva Coelho, e com a presença de outras altas entidades da Província e Representantes da «Casa do Algarve» em Lisboa, as cerimónias da inauguração e entrega à Câmara Municipal de Alportel do Monumento erigido, na referida vila, ao insigne Poeta Bernardo de Passos, seu glorioso filho, a Comissão Executiva do dito Monumento e a «Casa do Algarve» convidam todos os amigos e admiradores do homenageado a abrilhantarem tais actos com a sua presença.

Lisboa — Casa do Algarve, em 5 de Setembro de 1957

O Presidente da Comissão, Dr. José Guerreiro Murta

Ruidos incómodos

Muitos dos nossos leitores desta vila pedem-nos que chamemos a atenção das autoridades para o que se passa quanto aos ruidos dos motores de bicicletas e de camions a horas em que seria normal — e necessário — o sossego e o silêncio.

Não faz sentido que, para não perturbar o sono e o repouso daqueles que, depois de um dia de trabalho, têm juis a umas horas de descanso se tenha proibido o uso

de buzinas e outros sinais sonoros aos automóveis e se permita que as bicicletas dos notivagos atravessem, em barulhenta corrida, as ruas da vila durante toda a noite.

Existe numa lei que obriga os veículos motorizados a possuirem sistemas silenciosos para abafarem os ruidos dos respectivos motores e ao abrigo dessa lei a P. V. T. multa os automóveis

(Continuação na 2.ª página)

«Loulé... em retrato»

(Continuação da 2.ª página)

perguntou nada, pois não queria que lhe chamassem tola. As vizinhas, que já tinham vindo várias vezes tomar o banho, iam-lhe explicando, ciceroneando, o que sabiam da vida da praia. Aquela gente era gente rica que de tarde vinha sentar-se nos tolhos para falarem dos casos que se passavam na praia, da parte da manhã, das criadas que na véspera entraram em casa às 2 da manhã, do vestido que fulana trazia, das rendas que estavam fazendo, do prego do peixe e da carne e na generalidade da gripe asiática, ou da Comissão de Turismo e da Câmara.

Assim se entreteinha, e no outro dia ela veria então resto...

Comido o jantar recolheram-se ao cubículo pois teriam que ir ao banho muito cedo como era da tradição pois a gente rica só tomava banho com água assoalhada para não ter frio, mas a água assim não tinha a virtude de curar o «reumático e as herpes» que as manas Silvas tinham nas pernas.

Uma coisa preocupava muito a Mariazinha. Porque seria que um rapaz — bem feito, por sinal — dissera quando ela passou: «Olha aquela é inglesa!»

Seria que ela se parecia com essas estrangeiras de que já tinha ouvido falar algures?

— Tu tens também que tomar banho com a gente para nos ajudares se a gente cair, disseram-lhe as Silvinhas, no outro dia, antes do nascer do Sol.

— Veste o teu vestido por cima da combinação e quando formos para a água ficas só com esta. Toma lá o lençol que é para a gente «despir e limpar».

As Silvinhas, a Mariazinha e as primas do «Valado» que estavam no mesmo quartel, mais umas senhoras e um senhor das «Descabeçadas», iniciaram a sua excursão para o banho.

A Mariazinha queria levar os sapatos, mas quando viu que ia tudo descalço retribuiu.

Não lhes contou o que foi o batismo do mar da Mariazinha! A água fazia-a cair, a combinação molhada apegava-se ao corpo, às vezes, quando caia, fugia-lhe para a cabeça e deixava o corpo todo à mostra, aquele corpinho virgem de um banho integral. Já quase que compreendia como é que as mulheres mostravam o corpo.

Ao meio dia foi ver o banho fino. Como é que aquelas raparigas e rapazes, mostravam as pernas e o corpo com tanto a vontade, tão grande descaramento!

Mas deu em cogitar que com aqueles fatos tão curtos, tão justinhos ao corpo não se conseguia ver o que ela mostrava, na manhã, quando a combinação voava para a cabeça ou deixava descair uma alça.

E a Mariazinha serrenha, começou a pensar que o seu corpo, não era mais mal feito do que o de muitas que vira em fato de banho, que as suas pernas eram tão rolhas e firmes, como muitas que se estendiam na areia, que as suas ancas e a sua cinturinha realçavam muito mais com um fato de banho justinho.

Indagou onde se vendia um fato de banho, quanto custaria e pediu às Silvinhas que lhe adiantasse cinquenta escudos para ir à loja do Chico comprar um fatinho de malha às riscas.

Pobre Mariazinha!

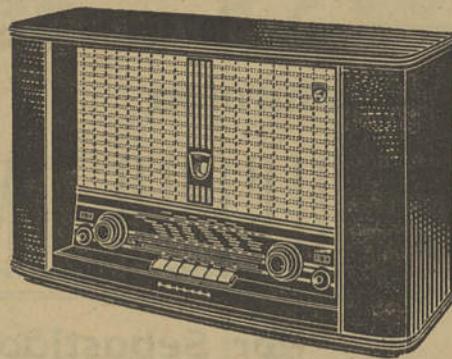
Voltou civilizada!

REPORTER X

PHILIPS

A GRANDE MARCA DE RENOME MUNDIAL

Modelo BX-758-A



Canais separados!
Amplificadores separados!
Atofántes

Onze válvulas
Receptor Biamply (isento
de distorsão)

2

Esc. 3.850\$00

Jualquer que seja a marca e estado, o seu velho rádio valerá 750\$00, em troca com este modelo

Consulte o Agente oficial da Philips

José Guerreiro Martins Ramos

Rua de Portugal, 31

LOULÉ

RÁDIOS PORTÁTEIS TRANSISTORIZADOS (baixo consumo)

AUTO-RÁDIOS / RÁDIOS para corrente / RÁDIOS
desde 1.595\$00 / desde 1.095\$00 / para bateria

Rádiogramofones, Gira-Discos, Aspiradores,

Enceradoras, Máquinas para barbear

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

Trespasse-se

Estabelecimento comercial, de mercarias e vinhos, com toda a existência e mobiliário.

Tratar com Viúva de José Joaquim Larginha — Rua da Barbacã — Loulé.

HORTA

Vende-se uma horta com árvores de fruta e muita água, casa de habitação e rama, na Campina de Cima.

Nesta redacção se informa.

PIPAS

Compram-se em bom estado.

Informa a redacção deste jornal.

Propriedade

VENDE-SE propriedade com casas de habitação, cisterna e anexos, com muito arvoredo, no sítio de Poço Novo — Almancil. Tratar com Francisco Viegas, Poço Novo — Almancil.

Trespasse-se

a antiga

Pensão CASTANHO

Loulé

A NOSSA ESTANTE

COLEÇÃO DEZ

Desta colecção, da Livraria Clássica Editora e a que já nos temos referido várias vezes com os elogios a que tem júiz, recebemos o n.º 34 (o número diz-nos exuberantemente, da aceitação que a referida colecção tem tido) intitulado «Dez ases da espionagem» com o seguinte sumário: capitão Tanana, ludibriou os russos na guerra de 1904; Coronel Redé, agente duplo traidor à sua pátria; capitão Reilly, espião inglês e comissário do povo na Rússia; Dr. Weremam, agente secreto que raptou Bertoldo Jacob; Eddie Chapman, de arrombador de cofres a proficiente espião; Waldo Brandt, às da sabotagem alemã na Inglaterra; Klaus Fuchs, perito atómico que traiu o Ocidente; Dr. Alan May, cientista britânico que servia os russos; Jusi Rastvorov, chefe da espionagem soviética que preferiu a liberdade; Willians J. Donovan, criador da espionagem militar americana.

AO SERVIÇO DO CRIME

Eis o título que a Livraria Romano Torres deu à versão portuguesa, devida à Aurora Rodrigues, de um original de Nigel Brent e que incluiu na sua colecção «Grandes Mistérios» da qual fazem parte traduções criteriosas de algumas das melhores obras da literatura policial, como as de Gio Duvic, Edgar Hale, Norman Berrow, A. Pollard, Philip Barner e outros.

Trata-se de um volume com uma capa a cores muito sugestiva e com muito bom aspecto gráfico e com capítulos cujos títulos nos dizem do seu interesse, como por exemplo, o preto que tinha a alma negra, conversa interrogatória, o interrogatório, As investigações de Onerold, A armadilha, Justiça, C. T.

Querem melhor?

Como se alguma vez uma equipa pudesse sair vencedora sem contrair energicamente seus músculos no despríse, como se um ciclista espatapado e descontraído à sombra dum árvore chegasse ao fim da prova.

Como querem movimento sem contracção?

Que coisa cretina se pretende então do desgraçado vocabulário? Uma verdade apenas resalta: o pobre vocábulo foi pura e simplesmente macaqueado, sem pensar.

Sebastião Leiria

Mal empregada LÍNGUA

(Continuação da 4.ª página)

Camões nunca poderia ter escrito com tanto primor e beleza o seu imortal poema se não dispusesse dumha língua rica de vocábulos.

Estes e outros honrosíssimos factos históricos, indiscutíveis, deviam encher-nos de justificado orgulho, criar-nos a consciência sólida do nosso valor e o amor para nos batermos com denodo na defesa dum tal bem patrio.

E que fazemos nós para mostrar ao mundo que dispomos de uma das mais ricas e expressivas línguas existentes?

Adulterá-la, apenas, a toda hora, com palavrões inexpressivos de taititudo que o estrangeiro nos manda.

Os jornais do desporto estão gafas de estrangeirismos.

Os objectos de uso comum que importamos, e são novidade, não se baptizam em português; entram e circulam livremente com os nomes de origem, embora pouca gente saiba o que eles significam.

Nas festas de aniversários é elegante cantar-se uma canção que os ingleses criaram para tal fim. E basta de citações que prometemos não fazer.

Mas, se todos estes amargos factos confessam o nosso pouco espírito de inventiva, o desprezo por nós próprios, um outro e recente fenômeno vem atestar o ridículo feitio de macaqueção que devemos guerrear. A coisa é esta:

De vez em quando, um pacato vocábulo que se encontra muito distraído a descansar sentado sobre as páginas dum dicionário, dia nas vistas de um vasculhador de raridades que o emprega nas suas lides literárias.

Ai acabou-se o sossego da infeliz palavra.

Automaticamente, trezentas mãos, à uma, agarram-lhe logo no virado e puxa para aqui, derrixa para acolá, o triste vocabulário, sem ter mais um momento de sossego, anda num virote não dando mãos a medir do artigo para a reportagem, da reportagem para a crónica, desta para local, tendo de estar presente ao mesmo tempo em todos os jornais, revistas, gazetas e congénères numa negra vida que não deseja nem ao seu maior inimigo.

Enquanto não se torna corriqueiro é amassado, sovado, esmerilado até ficar de língua de fora, irreconhecível. Depois de vulgarizado fogem dele como se transportasse a peste bubônica, deixando-o a descansar, às vezes, por mais de cem anos.

Coube agora esta má sorte ao adjectivo «descontraído».

Em toda a parte, a propósito de tudo e de nada, lá aparece embutido o desgraçado.

Já enjoa ler-se: a equipa descontraída; o ciclista descontraído; o orador descontraído; a nadadora descontraída; o músico descontraído; o pintor descontraído; e não tardará que seja; a mulher da hortaliça descontraída; o pirotécnico descontraído e a gripe asiática descontraída.

Querem melhor?

Como se alguma vez uma equipa pudesse sair vencedora sem contrair energicamente seus músculos no despríse, como se um ciclista espatapado e descontraído à sombra dum árvore chegasse ao fim da prova.

Como querem movimento sem contracção?

Que coisa cretina se pretende então do desgraçado vocabulário?

Uma verdade apenas resalta: o pobre vocábulo foi pura e simplesmente macaqueado, sem pensar.

Sebastião Leiria

Temas sociais

(Continuação da 1.ª página)

gas e outros sustentáculos iguais, de contrário terão os seus dias contados. Não é, não pode ser feliz, um povo que assim tem de viver. Os operários nunca poderão ter na sua pátria, quais novos servos de gleba. Nascer e morrer na mesma situação, pois é-lhes vedado ascender a qualquer lugar de mando ou de direcção. Só pelo suborno, pelo dolo, pela bajulação, pela traição, porque há sempre outros que se julgam com iguais, senão melhores direitos e não abdicam voluntariamente dos seus propósitos.

O socialismo económico é, como vemos, apenas uma poderosa máquina de que os homens são os carretos ou as engrenagens. Estas não param, não descansam, não podem descansar, pois tudo depende do girar contínuo dessa poderosa máquina.

Este estado de coisas resultou de outra revolução — a Revolução Russa. Que diferença porém dos ideais da revolução francesa, tanto sob o ponto de vista social como político. Esta criou o sentimento da Pátria, do lar, da família, de tudo quanto é bom e idealista na vida. Aquela obliterou o ideal de pátria, da família, da amizade saudável, sincera, para em sua substituição criar o ódio, a traição e o interesse do dia que passa. Viu-se o temor visto como na martirizada França os estivadores dos portos se põem em greve para não carregarem os navios com mantimentos, armamentos e tropas para a Indo-China, ou para a Argélia. Não se importam com o honra, a dignidade da Pátria, da Família, da Nação. A tudo isto chamam o nefasto Capitalismo, e só pensam no dia decorrente, que é a barriga lhes cheia, que os prazeres os farte, e não preparam o futuro incerto e duvidoso dos seus filhos. Quem vier atrás que feche a porta. Gasos plena e inteiramente o dia de hoje e mais nada é o ideal existente, uma consequência das ideias em voga, resultantes do socialismo marxista.

Entre estes dois extremos existem concepções políticas e económicas intermédias, como vimos na Itália, na Alemanha e em outros países, no intervalo entre a primeira e a segunda guerra mundial e ainda novas concepções liberalistas no campo económico, chamadas neo-liberalistas, surgidas após a última hecatombe nos países em que vigorava ou pretendia subsistir o sistema tão injustamente caluniado — o liberalismo económico.

A Humanidade não está permanentemente nem tranquila e está em pronunciamentos de grande transformação social e política. É mais do que evidente.

Para onde caminhamos?

Não se descortina.

Os augúrios ou os fados se encarregaram de nos dar a resposta.

Solimão Fagundes

Prédios Alugam-se

Um 2.º andar, apesar de completa remodelação, no Largo Gago Coutinho, n.º 2.

— Armazém muito espaçoso, no n.º 4 do Largo Gago Coutinho, contornando para a Av. José da Costa Mehalha.

Tratar com o proprietário António Francisco Contreiras.

-lhes Deus e era o ponto de partida para rebater o diabo e preparar a salvação da alma». Se vos afastardes de Deus, «avisava a avó», mesmo que seja a cem horas daqui, a aranha poderá sair-vos ao caminho ou mesmo até aquele que osculou Cristina». As crianças, compreendendo isto, ficavam em casa, cresciam tementes a Deus e sóbre a casa estava a Sua bênção.

O rapazito que tão fiel e prestável tinha sido a sua mãe fez-se um varão querido de Deus e dos homens e achou mercê nos cavaleiros.

De coração bondoso e místico, ajudava os outros no seu infotúnio, como desejava que os outros o ajudassem e onde as suas forças não chegavam para auxílio capaz, era um forte intercessor entre Deus e os homens. Foi abençoado com esposa piedosa com quem viveu em paz e felicidade e ambos foram chamados para o céu com uma morte suave. Os descendentes floresceram nas mesmas venturas, temendo a Deus e praticando sempre o bem.

Repousava em todo o vale a bênção de Deus e a felicidade reinava no campo e no estabulo e havia paz entre os homens. A terrível lição ficou gravada no coração dos homens e Deus era o seu arrimo, — o que faziam, faziam em seu nome e onde um podia ajudar, outro não se fazia esperar. O castelo foi depois povoado por muitos cavaleiros, pois a luta na terra pagã era cada vez mais acesa e cada vez mais necessário mãos que pudesssem combater, e aquele poderoso exemplo da sala dos mortos onde a aranha tinha exercido o seu poder se separaram, seja lavrador ou cavaleiro.

Assim desapareceram muitos anos de paz e felicidade e o vale ficou célebre pelos acontecimentos anteriores e pela sua prosperidade depois. Boas casas se construíram e o seu reicheio era abundante; nos baús havia ouro, o gado era abundante e o mais nôdo dos arreiros, as raparigas famosas pela sua beleza e os rapazes pelo seu valor, fama que se não desfez de noite como a Jonas o seu arbusto de sombra, pois durou de geração para geração.

Precisamente como na pereira de mais abundante seiva e de maior força é que o verme se introduz e a come e faz murchar, assim acontece que onde a corrente de bençãos divinas é mais caudalosa é que o germe da corrupção se introduz enfundando e cegando as crianças a ponto de as fazer esquecer essas bençãos por amor da riqueza.

Folhas de Férias

Impressos em modelo exigido
por Lei, vendem-se na
Gráfica Louletana

L O U L É

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Setembro:

Em 7, o sr. João Manuel de Sousa dos Santos, residente em Almancil.

Em 9, o sr. Engº José Martins Farrajota.

Em 13, o menino José Jaime Rua Espadinha Galo.

Em 14, menino Joaquim Manuela das Neves.

Em 16, a menina Marieta Mendes Delgado Pinto, a sr.ª D. Maria Luiza Vicente Duarte e o sr. Alvaro Guerreiro Lopes.

Em 17, a sr.ª D. Arminda Gonçalves Coelho Guia, residente em Grandola e o sr. José Victória Neto.

Em 18, a sr.ª D. Amália da Conceição Silva e o sr. Duarte José Guerreiro Pedro.

Em 21, o sr. Dr. José Jerónimo Guerreiro.

Em 22, o sr. Dr. Angelo Delgado, a menina Maria da Luz Raminhos Baptista, e os meninos Luis Filipe Estrela Leonardo e Firmino Mateus Lopes Guerreiro.

GENTE NOVA

No passado dia 26 deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Cecília Mendonça, esposa do sr. João d'Agrelha Moura, nosso prezado amigo e assinante.

A recém-nascida recebeu o nome de Ana Isabel.

Parabéns aos felizes pais e votos de longa vida para o bêbê.

PARTIDAS E CHEGADAS

A passar a sua temporada de banhos em Quarteira, sua terra natal, encontra-se o nosso prezado amigo e assinante sr. Major José Pontes Bita, ilustre e dinâmico Presidente da Câmara Municipal de Almodôvar, que se faz acompanhar de sua esposa sr.ª D. Maria das Dores Maio Pontes Bita e da sua neta Maria da Guadalupe Messias Duarte, distinta aluna do Liceu de Beja.

Também na mesma Praia se encontra, infelizmente sofrendo de uma fratura da clavícula, ocorrida em desastre de viação, quando se dirigia para aquela Praia, a sr.ª D. Maria das Dores Pontes Messias, filha daquele oficial e casada com o sr. Jacinto Messias Duarte, benquisto comerciante em Almodôvar.

Acompanhado de sua família encontra-se entre nós a passar as suas férias, o sr. Dr. Francisco de Sousa Inez, nosso prezado amigo e assinante em Coimbra.

Em cura de águas encontra-se nas termas de S. Pedro do Sul acompanhado de sua esposa e sogra, o sr. Dr. Aires de Lemos Tavares.

De visita a seus pais encontra-se em Loulé a sr.ª D. Maria do Carmo Corpas Coelho.

Em companhia de sua esposa encontra-se em Quarteira a passar a época balnear o sr. Professor João Boto Correia, nosso prezado amigo e assinante em Pero Pinheiro.

De visita a sua família encontra-se em Loulé a sr.ª D. Constança Marques Fernandes, que acaba de concluir com alta classificação o Curso de Enfermagem.

Vimos nesta, o nosso prezado amigo e assinante em Olhão sr. Rui Eduardo da Glória Centro.

De Faro, foi transferido para a Agência desta vila, do Banco Nacional Ultramarino o sr. Vítor de Passos Valente Santos, que desde há dias se encontra a prestar serviço nesta vila.

Com sua esposa e filhos, deslocou-se a Loulé em goso de férias o nosso prezado amigo e assinante sr. João de Brito Vicente, chefe de Delegação Geral

A posse do novo Presidente da Câmara

(Continuação da 1.ª página)

des do empossado cuja inteligência, dedicação e dignidade sabia estarem postas ao serviço da sua terra com a nobreza e a generosidade de um homem de bem pois como tal o classificava.

Usou da palavra o Dr. Manuel Mendes Gonçalves que em nome da vereação da Câmara de Loulé saudou o novo presidente, sob cuja orientação, como vice-presidente servira até então, a quem exprimiu a sua amizade e prometeu a mais franca e leal colaboração em prol do progresso e bom nome do concelho.

Finalmente o empossado agradeceu a confiança que a sua confirmação na presidência do município significava e, declarando não ter de apresentar qualquer programa, apenas prometia envidar todos os seus esforços para que o progresso material e moral das gentes do seu concelho continuasse, como sabia ser anseio de todos os bons louletanos.

Referindo-se à imprensa teve para ela palavras de justo apreço, como órgão da opinião pública e elemento indispensável para a ventilação dos problemas do concelho quer como apoio quer como meio de crítica, quando construtiva, dos actos da administração.

Os oradores foram muito aplaudidos e no final o novo presidente foi abraçado e cumprimentado por todos os presentes.

Ao nosso prezado amigo renovamos os votos por uma administração feliz e progressiva e a oferta do nosso apoio em tudo quanto possa traduzir-se em progresso municipal e desenvolvimento da consciência cívico-política do concelho.

»»»»»»»»»»»»

Festas em ALTE

A aldeia mais pitoresca do Algarve está novamente em festa, nos próximos dias 17 e 18.

Realizam-se as tradicionais procissões em honra de S. Luís, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora da Assunção.

E isso é pretexto não só para várias cerimónias religiosas, que geralmente decorrem com brilhantismo excepcional, como também para várias manifestações populares como concertos, arraial, provas desportivas, etc.

do Norte do Instituto Luso-Farmacêutico, residente no Porto.

Com cura demora esteve em Loulé o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. António Alvaro Pires Guerreiro.

Na companhia de sua família esteve em Loulé com curta demorada o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. António Calgada da Silva, conceituado comerciante em Serpa.

Com sua esposa e filhos, deslocou-se a Loulé em goso de férias o nosso prezado amigo e assinante sr. João de Brito Vicente, chefe de Delegação Geral

Polícia Rural

(Continuação da 1.ª página)

comerciantes de frutos e que no fundo não passam de receptadores e comparsantes, pois de mais sabem eles que as amendoadas e alfarobas que compram a menores ou a indivíduos sem propriedades não são o produto do rabisco (roubisco é que devia chamar-se) como a primeira vista fingem crer, mas sim a «limpeza» feita durante a noite em árvore que estão para varejar. Sim, é que o negócio neste caso envolve contas de preto. O tal rabisco, no fundo, é um disfarce para o assalto à propriedade durante as horas em que o sol está a descoberto, como disfarce é a caça no tempo defeso, cujo fim principal está no estudo daquilo que se pretende executar às horas mortas da noite. Na freguesia de Salir caça-se todo o ano, de furão ou de matilha, em manifesta oposição à lei e em prejuízo do proprietário que no fim do ano conta com um sem-número de valados e muros arrombados e com um enorme desfalque na colheita dos frutos.

Não são só aqueles que nada têm que se lançam no ataque à propriedade alheia, porquanto outros, pequenos proprietários, numa ganância que não se comprehende procedem de igual modo, havendo sítios em que o latrocínio constitui autêntica permuta, e mal daquele que se desuide, porque, em última análise, é este o autêntico roubado. Resultado: uma desconfiança geral e o varejo fazer-se de afogadiho.

A forma de assalto está tão generalizada e faz-se tão a descoberto que, há dias ou melhor, há noites, a guarda particular deparou com um desses filhos da noite que, sem mais rodeios, declarou que tinha de roubar determinada porção de alfaroba, fosse a quem fosse, porquanto tinha porcos à engorda e não estava disposto a sustentá-los de outro modo.

Mas não são só os frutos secos que atraem a mão baixa da falperra; são as hortas e pomares. Plantar couves, tomates, melancias ou ter uma árvore de fruta é o mesmo que dar de comer a cem gatunos.

Perante um tal estado de coisas só a intervenção da autoridade se pode impôr e urge que se imponha, sob pena de cairmos no caos.

Urge criar na freguesia de Salir, servindo Alte, Querença e Ameixial, um posto da Guarda Nacional Republicana, um posto que acabe com o disfarce do rabisco de frutos, que acabe com a tavolagem na taberna e no café, que imponha ao balcanteiro o registo, em livro próprio, do nome dos vendedores de frutos e respectivas quantidades e, sobretudo, que acabe com os «filhos da noite» e devolva ao trabalho útil essa vadiagem que já hoje constitui uma ameaça séria aos princípios da ordem, da moral e do trabalho.

J. G. P.

KODAK

STERLING — Nov a com bolsa de cabedal. Ven-de-se em conta.

Nesta redacção se informa-

Crónica descontraída

MAL EMPREGADA LINGUA

Por Sebastião Leiria

Motivos de sobrejo têm os estrangeiros para nos taxar de falhos de originalidade e inventiva.

Realmente, afora as gerações, que são criação genuinamente portuguesa, o poder criador da nossa gente, temos de concordar, é bastante limitado.

E não queira ver-se nesta afirmação um acto derrotista, desmoralizante, pois que não só o fazemos com ascendida mágoa mas também com as provas na mão e um fim construtivo debaixo de vista.

Desnacionalizante, por exemplo, é a passividade tolerante à torrente de estrangeirismos que, sem pagar direitos alfandegários, entra constantemente em Portugal que os recebe de braços abertos, sem se cuidar da pureza da língua.

Seria aborrecido citar os exemplos. São inúmeros e toda a gente os conhece pois têm largo consumo.

Toda a gente neste país, regra geral, emprega palavras estrangeiras, volta e meia, quer falando quer escrevendo.

Faz-se questão disso visto es-

»»»»»»»»»»»»

Em Paderne

BRILHANTES FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA ESPE- RANÇA

Nossa Senhora da Esperança tem no bom povo de Paderne singular devoção, que bem é demonstrada pelas festas que em sua honra ali tradicionalmente se realizam. As deste ano, nos dias 22 e 23 do corrente, têm um programa bastante atraente, em que a respectiva comissão organizadora se esmerou bastante, a pontos de

desde já se prever uma enorme afluência de forasteiros, para cuja deslocação se espera se realizem carreiras extraordinárias de camionetas de Albufeira, Messines e Boliqueime.

«Presto»

ao serviço da sua garrafaria.

V. Ex.ª pode possuir excelentes licores, na sua frasqueira, com um dispêndio mínimo.

Basta visitar a mercearia de ANTÓNIO DA SILVA — Rua 5 de Outubro, 45 em Loulé, onde encontrará «PRESTO» no paladar que mais lhe agrade.

Cartas ao Director

(Continuação da 1.ª página)

cia, o conteúdo, enfim, todos os pormenores que lhes possam servir aos seus fins de concorrência (ou curiosidade) e cujos pormenores não deviam, de maneira alguma ser assim postos com tanta «ligeireza» à discussão de quem os apeteça...

Parece-me bem terminar portanto estas despretenciosas mas infelizmente bem fundamentadas observações com um conselho à empresa exploradora deste serviço: — Arranjam local e encarreguem um pouco mais de harmonia com a responsabilidade a ele inerente. E evitem conceder tantas facilidades na busca das encomendas visto que, além de desnecessárias desde que haja um pouco de arrumação, essas «buscas» podem tornar-se bastante prejudiciais a muita gente, só beneficiando exactamente aqueles que menos o merecem, ou seja, os mais desavergonhados...

Com o pedido de desculpas pelo precioso espaço que possa roubar ao nosso conceituado jornal, aceite, sr. Director, os protestos da mais elevada consideração.

Um comerciante

Crime repugnante

e selvagem

Joaquim dos Santos, solteiro, antigo pedreiro, de 35 anos de idade, cumpriu pena maior por um crime cometido na pessoa de seu irmão. Não lhe abrandaram os instintos ferinos, o largo tempo em que, na Penitenciária, esteve enclausurado e embora tivesse sido bom o seu comportamento durante o regime prisional, a fera humana que albergava, reclamava mais sangue e vingança.

Não lhe esqueceu durante esse tempo que um seu vizinho fora sua testemunha de acusação e agora à solta, a sua preocupação era encontrar esse vizinho a sós. Consegu-o na madrugada do passado dia 3, pelas 5.30 quando esse vizinho Francisco Henrique, de 87 anos passava no sítio do Recanto da mesma freguesia de Boliqueime, de regresso da Fonte, onde fora buscar água. Ali, aquela besta humana vibrou violentas pauladas na cabeça do octogenário e depois de o ter derrubado crivou-o por todo o corpo com um instrumento perfurante, uma chave de parafusos, ao que se presume, roubando assim a vida a um velho bondoso e estimado, pai de 8 filhos e cujo fim Deus prolongara para vir a ter tão vil morte.

Perseguido por alguns populares o assassino fugiu, sendo mais tarde preso pela G. N. R. na estrada, a quem declarou que se ia entregar, não certamente por remorsos que não sentia, mas talvez pelo receio de que os seus contemporâneos o linchassem, possuidos de indignação contra tal fera.

O assassino confessou cincicamente o seu crime e recolheu à Cadeia desta vila, enquanto aguarda julgamento.

»»»»»»»»»»»»

Concertos na Avenida

Sob a proficiente direcção do maestro sr. Mariano Guerreiro Domingues, que acaba de assumir a regência da Filarmónica União Marcal Pacheco, realizou-se no coreto da Avenida José da Costa Mehalha dois concertos, um dos quais no sábado, dia 31 de Agosto, e o outro na terça-feira, 3 do corrente.

Ambos tiveram a assistência de bastante público, que teve o ensejo de verificar o «rejuvenescimento» da popular «Música Velha»... A competência do seu novo maestro e a dedicação de bons elementos parecem ter-lhe insuflado uma alma nova, bem traduzida nos harmoniosos e vibrantes acordes dos números que executaram, com pleno agrado de quantos os escutaram.

Na terça-feira foi executado o seguinte programa:

1.ª PARTE

Pela Esquerda — Marcha — por D. Mala; Flores de Inverno — Sinfonia — J. P. Mineiro; El Relicário — Canção Espanhola — J. Padilla; Suite Portuguesa N.º 1 — A. R. Dantas.

2.ª PARTE

El Sitio de Zaragoza — Fantasia — Militar — por Ondrid; Libertinagem — Fados — por R. M. Franco; Certame Musical — P. D. Espanhol — Ricardo Dourado.

PRÉDIO

Vende-se um prédio, com rez-do-chão e 1.º andar, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal — Loulé.

FONTE DA PIPA

ARRENDA SE esta propriedade. Enviar propostas até fins de Setembro a Manuel Guerreiro Pereira — Rua Ataíde de Oliveira, 106 — FARO.

Reserva se o direito de não serem consideradas caso não convenham.

AGRADECIMENTO

Raúl Rafael Pinto, encontrando-se quase restabelecido da operação cirúrgica a que foi submetido no Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Loulé, agradece publicamente por este meio, muito sensibilizado e reconhecido todas as provas de amizade, consideração e estima, que lhes foram prestadas quer pelas inúmeras pessoas que tiveram a gentileza de o visitar, de lhe escreverem e telegrafarem e ainda por aqueles anônimos que lhe enviaram imagens religiosas, orações e palavras amigas.

A todos, dos mais elevados aos mais humildes, consagrará lugar especial no seu coração, não esquecendo tanta manifestação de apreço e simpatia de que se não julgava merecedor.